

CARLOS PRAZERES – Diretor Artístico e Maestro da OSBA

Bacharel em Oboé pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Diretor Artístico e Maestro da Orquestra Sinfônica da Bahia.

1. Quem é Carlos Prazeres?

Se eu tivesse realmente que descrever, diria que minha vida é muito associada à música. Desde que nasci não consigo fazer essa dissociação. Se eu não fosse músico, não sei o que eu poderia ser porque a música é algo muito natural desde sempre. Eu nasci filho de um maestro, o Armando Prazeres, e de uma cantora lírica amadora, que cantava em corais e vive disso - não profissionalmente, mas nessa atmosfera. Então em casa eu sempre tive esse ambiente de música clássica. Só fui começar a conhecer música popular com 15 anos de idade, então a música clássica sempre soou muito natural. Por ser assim, não a encaro como uma “coisa de outro mundo”. É essa naturalidade que eu procuro passar para o meu público, para o público da Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA) ou de qualquer outra orquestra que eu esteja à frente.

2. Qual é a sua formação?

Fiz Bacharelado em Oboé na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, logo em seguida, fui fazer uma especialização na Orquestra Filarmônica de Berlim. Fiquei lá durante dois anos e comecei a me interessar pelo estudo da Regência. Como já tinha feito as matérias teóricas na faculdade, fui buscar o complemento delas através dos cursos do maestro Isaac Karabtchevsky em Riva del Garda, na Itália, e também tive aulas cotidianamente na casa dele, na Gávea no Rio de Janeiro. Ou seja, não tenho necessariamente o diploma escrito “Regente”. Eu fiz esse curso de regência durante seis anos com o Karabtchevsky, durante seis anos fui para Riva del Garda, durante seis anos eu tive aula particular com ele e, até hoje, ainda posso me considerar um pupilo. Ligo para ele muitas vezes quando tenho dúvidas em uma partitura e peço orientações até em termos de caminhos profissionais. Posso considerar o Karabtchevsky como meu padrinho musical. Ele é maestro da Orquestra Petrobrás Sinfônica, maestro do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e da orquestra sinfônica de Heliópolis, em São Paulo.

3. O que você entende por cultura?

Podemos dizer que o ser humano tem a sua forma própria de se expressar. Esse conjunto de formas de expressão poderia ser considerado - a priori, entre aspas - a cultura. Mas como analisar isto? Existe a cultura de massa, que também pode ser chamada de cultura de entretenimento, e temos a cultura - e eu não gosto desse termo - erudita, a cultura mais clássica, que, no caso, a música clássica está inserida. E não é fácil a nossa vida. Por exemplo: você muitas vezes abre a página da internet e vê um cara que toca violão postando um vídeo dele no Youtube. Ele está fazendo sucesso, está fazendo show em barzinho e está lá na página da internet e no jornal. E você, em contraponto, não vê uma menção a um compositor que está fazendo duzentos anos e que uma orquestra homenageou. Entende?

Essa questão cultural para nós é meio complicada. As formas de expressão do ser humano são muito interessantes, devem ser preservadas - até para nos entendermos melhor e conseguirmos, com isso, uma valorização, uma compreensão maior do ser. É necessário saber o lugar da cultura de entretenimento e o lugar da grande arte. Temos que saber que o estado e a imprensa têm que ter uma reserva de mercado para apoiar/fomentar esse tipo de cultura porque não é uma cultura comercial – e nunca será.

4. Como você avalia o apoio do estado e as políticas culturais voltadas para a música erudita?

Vejo hoje uma melhora muito significativa. Se olharmos o passado da OSBA, veremos que o apoio à música clássica no estado da Bahia, em comparação a outros lugares do Brasil, sempre foi ínfimo. A Orquestra foi criada e quase que deixada. Sabe aquele avião que decola e aguarda autorização para subir? Parece que não consegue avançar, fica sobrevoando prédio porque a torre está dizendo para ele se manter aqui. Era assim. Então, de repente, parece que a Bahia acordou. O gigante aqui, da música clássica, acordou. E estamos tendo uma preocupação da parte do Governo, que tem apoiado projetos como, por exemplo, o NEOJIBÁ (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia): um projeto maravilhoso que é um complemento da OSBA. Agora temos até uma rádio de música clássica... Porque, mal ou bem, ter um estado com interesse maior nesse tipo de música é muito importante. Ainda está muito longe do ideal. A Orquestra do Estado de São Paulo (OSESF) pode ser considerada hoje o que chamamos de modelo: recebe um aporte governamental por volta de cinquenta e cinco milhões e ainda consegue captar mais trinta e cinco. Estamos, ainda, muito longe disso, mas já demonstramos um progresso muito grande. Quando cheguei aqui, a primeira coisa que notei foi a falta de público. Faltava o incentivo, o público também não se interessava em vir, a imprensa não se interessava em divulgar... Um ciclo vicioso. Nem sei se devo estender tanto a resposta, mas acho que cabe. A Bahia é muito conhecida pelo axé e pelo carnaval baiano. Então as pessoas podem, numa primeira vista, pensar que a Bahia não precisa da música clássica. Isso é um dos maiores erros que posso imaginar para a cultura baiana, porque se ela não respalda esse carnaval e o axé, se ela não respalda isso fomentando e também dando valor ao outro lado - a esse outro lado que eu falei, da grande arte e da cultura mais erudita -, ela passa a ser uma barraca de *souvenir*. Sempre uso esse termo, que é forte. Tenho certeza que um dia vou ter problema com ele e vou até parar na imprensa por causa disso. Eu faço uma analogia: você vai para o México e fica apaixonado pelos *mariachis*. É incrível, você chega ao México e vê aquele chapéu imenso, tem todo um charme. Mas, assim que sai dali, você pega o disco dos *mariachis* e ouve pouco. Eu, particularmente, estava apaixonado pelos *mariachis*, mas eu não sei se toda hora quero ouvir música *mariachis* em casa. Mas a Frida Kahlo é, por outro lado, uma imagem do México com outra dimensão - e eu não estou dizendo que uma é melhor que a outra. São diferentes, sabe? O que eu estou querendo dizer é que existe um caminho para uma e um caminho para outra. Qualquer uma das duas sem a outra, seria errado. Em 1960, o Edgar Santos, que era reitor da Universidade Federal da Bahia

(UFBA), simplesmente assumiu a Bahia como um celeiro cultural e disse: “A Bahia nunca vai ser a potência econômica que São Paulo é, mas a Bahia é um estado da cultura, o coração cultural do Brasil”. Não é por acaso que as coisas acontecem aqui. Não é porque a Bahia tem um mar lindo e porque as pessoas que nasceram na Bahia são legais. Gil, Caetano, Tom Zé, Bethânia, Gal Costa... Não são por acaso. Este reitor, assumindo essa postura, trouxe um expoente de cada arte para a Bahia. No campo da música, ele trouxe o [Hans-Joachim] Koellreutter, que é um compositor alemão, e [Anton Walter] Smetak, que é um compositor suíço, que vieram para cá para dar aula. O Karabtchevsky, meu professor, fez faculdade aqui. Estudou na UFBA com o Koellreuter. Veio estudar análise musical, harmonia e tudo com o Koellreuter. A geração que foi formada naquela época, o Smetak influenciou muito. Hoje, na Bahia, tem Paulinho Lima, Wellington Gomes, o Paulo Rios... Uma geração mais velha e uma mais jovem de compositores. E temos hoje aqui, talvez, a maior escola de composição que eu conheço no Brasil. Posso afirmar. Na Bahia, há uma qualidade de escola de composição maior que em qualquer outra cidade do Brasil. Não vejo isso em São Paulo e Rio. E olha que existem excelentes compositores em São Paulo e Rio. A prova disso é que, no último edital de composição que teve da FUNARTE, a média de compositores baianos era muito maior... De composição clássica, erudita, a média de compositores baianos era muito maior do que de todos os outros lugares. Quando eu morava no Rio, não sabia disso. Meus amigos cariocas não sabem disso e meus amigos paulistas também não sabem disso, porque não tem divulgação suficiente. Não tem um fomento tão grande quanto tem a cultura de entretenimento na Bahia. E eu vejo isso como um problema porque essa geração que está aí hoje ainda é fruto do Koellreuter e do Smetak. Mas ela vai acabar e é uma pena porque a gente volta àquela teoria que eu sempre falo, da “barraquinha de souvenir”. A gente não pode ser uma barraca de *souvenir*. A gente tem que ser completo. Se for aos Estados Unidos, vai ter a Broadway, que é maravilhosa, mas também terá a Filarmônica de Nova Iorque, que é incrível. Nisso você tem uma cidade completa e aqui não pode ser diferente.

5. Existe mercado para a música clássica, em matéria de público?

Eu estou cada vez mais impressionado porque nunca imaginei que em tão pouco tempo teríamos uma aceitação do público tão grande. Cabe a mim, também, entender que cada estado tem as suas particularidades. Eu tive a sorte também de morar em uma cidade de praia, que foi o Rio de Janeiro; e numa cidade de praia é muito complicado porque você disputa com a praia fisicamente, disputa com a cultura praiana - que é uma cultura mais leve, diferente... Então você tem que saber o que fazer, entende? Se eu fosse reger a sinfônica de Porto Alegre, seria diferente. Outro dia fui até lá dirigir um concerto só de Bach em um pequeno teatro. Era uma terça-feira à noite, acho que tinham uns mil lugares e estava completamente lotado. Isso porque em Porto Alegre tem muito descendente de alemão e isso faz parte da cultura deles. Na Bahia você tem que saber como fazer. A gente, por exemplo, descobriu esse ano uma grande arma que foi essa questão do cinema. De mostrar, através do cinema, interesse pela música clássica. E ontem foi muito engraçado porque lembramos do filme *Melancholia*, do Lars von

Trier, que na verdade tem toda a trilha sonora baseada na música de Wagner. Isso até poderia ser melhor explorado se tivéssemos pensado antes, mas, quando falamos no Facebook ontem, tivemos a impressão de que o concerto iria estar completamente vazio. Estávamos com medo de fazer esse concerto para ninguém porque achamos que ia ter manifestação na rua e as pessoas iriam ficar receosas em sair de casa. Mas, de repente, em um dia como o de ontem, tenso assim, tivemos sessenta e cinco, setenta por cento do teatro - o que é um número significativo. A reação do público esse ano tem sido maravilhosa e mostra como o baiano apoia. Se vocês abrirem a página da OSBA no Facebook hoje, o que se vê de comentário assim "Foi fenomenal!", "Foi maravilhoso", "Foi incrível!"... As pessoas curtem, aproveitam e gostam disso. Eu falo durante o concerto e, inclusive, às vezes, sou bastante criticado por isso, mas eu gosto de tornar o concerto uma coisa leve. O próprio Teatro Castro Alves já é um teatro "socialista" porque não tem camarote. Se não tem camarote, não tem ninguém em lugar especial. Eu acho isso ótimo. As pessoas vêm à vontade. Acho que é assim que tem que ser. As pessoas não têm que pôr um terno. Isso afasta o público que ainda não conhece. Eu não quero que venham aqui só os barões desfilar o seu dinheiro. Quero que venha todo mundo - inclusive eles.

6. A OSBA busca apoio privado?

Eu tenho que ser bem sincero: hoje não temos como ter apoio privado. Teríamos que ter uma licitação para ver quem patrocinaria a gente, essa é a nossa realidade. Podemos também nos utilizar da Lei Rouanet, mas não temos uma equipe com fôlego. A equipe é muito reduzida. O funcionalismo é muito duro para a gente. Não posso me queixar do apoio que o Governo tem dado, ele realmente tem olhado para a orquestra nesses últimos tempos e esse apoio aumenta cada vez mais. Eles estão vendo também a progressão do público. Sinto no Albino Rubim um interesse muito grande. Estamos fazendo esse ano cem anos do Smetak e vai ter um edital de composição para isso - e esse foi um dos principais pedidos do Albino Rubim. Com isso ele prova que é uma figura realmente sábia nessa questão de saber em que realmente tem que ter a mão do estado. Podemos dizer que o estado tem melhorado, mas que existem suas limitações. Seria bom que tivesse uma participação da iniciativa privada nessa história, que a gente pudesse fazer parcerias público-privadas.

Luana Bistane, assessora da OSBA, acrescenta: Complementando o que Carlos disse: não é que não possamos ter patrocínio, apoio... É que no estado tudo é feito de uma forma diferente. O conceito é que se vise uma idoneidade com relação a todas as empresas porque você está se utilizando de um marketing cultural. Então poderíamos abrir uma licitação para ver quem apoiaria a OSBA. Só que, primeiro, é um processo grande, em termos administrativos. Não é simples, requer uma equipe. É muito minucioso o processo para empresa poder patrocinar. E só para constar: a principal orquestra no Brasil hoje é a OSESP. Creio que o aporte financeiro atual deles é de oitenta e nove milhões, sendo cinquenta e dois milhões do governo do estado de São Paulo e os outros de captação direta. No orçamento desse ano,

tivemos aproximadamente, para programação, dois milhões e oitocentos mil - considerando que temos a residência artística. Com a folha salarial deve ser uns sete, oito milhões. Mas vamos comparar com uma realidade próxima da nossa, que seria a da Filarmônica de Minas. Creio que o aporte deles é de vinte e dois, vinte e três milhões. Com isso eles podem fazer uma programação vasta, podem manter um corpo já estável e conseguem trabalhar com um número de funcionários definido.

7. Qual a estrutura de pessoal da OSBA hoje?

Temos hoje cerca de trinta e nove músicos efetivos, funcionários públicos, e vinte residentes.

8. E de funcionários na administração da OSBA? Quem são as pessoas?

Luana Bistane: Nosso quadro hoje é Carlos na Direção Artística, um assessor executivo, uma pessoa de produção, dois de administrativo, uma pessoa de arquivo, uma que cuida das cameratas e um outro apoio. Mais dois estagiários, um de arquivo e outro de administrativo. Parte técnica: duas pessoas. Ou seja, doze pessoas. O quadro administrativo da Filarmônica é de oitenta pessoas, então trabalhamos meio que tapando buraco em muitas ações. Com esse quadro a gente consegue cumprir a função de fazer a orquestra andar; agora pensar, escrever, captar, viabilizar isso em termos de lei é impossível em termos de pessoal.

9. Quais as dificuldades do dia-a-dia da OSBA?

Eu, todo dia, acordo pensando na viabilidade de uma orquestra dentro do funcionalismo público. Por exemplo: a Fundação Cultural do Estado da Bahia [FUNCEB] nos exige um prazo de trinta dias, no mínimo, para contratação de um solista. Vamos supor que o solista se machuque uma semana antes do concerto. Eu não posso chamar outro para substituir. Se eu tivesse assinantes, por exemplo, e ele dissesse “bom, eu paguei para ver esse músico. E aí?” ou então “eu quero ver esse concerto pelo menos”. Tem que haver um consenso: alguém tem que tocar. Tem certas coisas, como por exemplo, a questão do próprio corpo orquestral. As pessoas da própria orquestra podem ter um problema. São seres humanos, não é? Mãe faleceu ou ele tem que viajar, enfim - mas alguém tem que estar ali. Como é que você vai fazer, se tem esse processo de um mês antes? Não tem como você, legalmente, contratar uma pessoa três dias antes de um concerto. Eu não quero ter que ficar a minha vida inteira pensando nessa viabilidade. Eu quero ter instrumentos para a coisa funcionar. Se o estado não oferece o instrumento, mesmo com toda a boa vontade que o estado tem, ele tem que pensar em parcerias. Talvez o caso de uma Organização Social (OS)... Eu não quero esconder isso: a gente está tendo graves problemas com a fonte de pagamento dos residentes. É uma fonte que atrasa e já tivemos, por três vezes, a ameaça de um concerto não acontecer porque os residentes pararam. Tem essas dificuldades de funcionalismo. Acho que isso não deve ser escondido, não... Mas não tem muito o que fazer.

10. Como é a situação em matéria de espaço físico?

Os ensaios são realizados aqui no Teatro Castro Alves (TCA), onde somos muito bem servidos. E para apresentações nós temos não só o TCA, pois gostamos de estar presentes em outros lugares. A Bahia tem muitas igrejas fantásticas, com uma acústica maravilhosa para música barroca, música clássica... Gostamos de fazer concertos em igrejas - desvinculando-se qualquer cunho religioso. É só pela questão de aproveitar o espaço. Bach e Vivaldi, por exemplo, não tinham salas de concerto - e elas foram pensadas desse jeito, como uma igreja, por conta dessa acústica meio eco, que fica ressonante. Mas fazemos em outros lugares também, como em teatros de shopping, a exemplo da Livraria Cultura, o Eva Hertz, no Shopping Salvador. Já fizemos quatro concertos completamente lotados ali. O ICBA... Temos o projeto também das *Cameratas*, uma espécie de OSBA *pocket* que vai nesses lugares pequeninhos. A *Série Caribé*, que é nossa série de música de câmara: quinteto de sopros, quarteto de cordas. É importante fazer essas montagens mais reduzidas também.

11. Quais avanços você pode elencar nesse meio tempo em que está à frente da OSBA?

É bom esclarecer uma coisa: quando eu cheguei aqui, a primeira coisa que notei foi a falta de público. E isso, para mim, é o que há de mais grave. Não importa quais são nossos problemas aqui - se meu salário é baixo, se o aporte financeiro é ruim, se os solistas são de baixa qualidade porque tem pouca verba... isso não importa. O que importa é: se você está lidando com um público de trezentas pessoas, por que tem que aumentar o orçamento, o investimento do Governo? Como é que eu vou pedir para o Governador que ele traga o Lang Lang para tocar para... trezentas pessoas? Não tem a menor condição. Então eu tratei de fazer um projeto para realmente conseguir com que o TCA fique cheio. E ele tem ficado cheio, isso é notado desde o início dos nossos concertos. Aí sim pudemos pedir para o estado - e ele nos deu. Um exemplo disso são os residentes. O que aumentou para nós não foi só quantidade de público; a nossa qualidade aumentou muito também. A OSBA hoje, inacreditavelmente, e eu posso dizer sem medo de errar, está entre as três primeiras orquestras do Brasil em termo de qualidade de solistas convidados. Isso quer dizer o que? Acabamos de fazer o concerto para piano *Imperador nº 5*, de Beethoven, com a Hélène Grimaud - que é simplesmente uma das maiores pianistas do planeta. Ontem ela tocou com a OSBA, amanhã está com a Filarmônica de Berlim, depois com a de Chicago, com a Filarmônica de Nova Iorque. A agenda dela é essa. E a gente, agora, vai fazer com um dos maiores violinistas do mundo, que é o Gil Shaham - que, ao sair daqui, vai tocar com a Filarmônica de Viena, a de Nova Iorque, Chicago... Percebe?

12. O orçamento atual permite o desenvolvimento da OSBA?

Permite sim... Não estou me queixando, mas ele poderia permitir muito mais. O que temos que fazer, então? Ser criativos, incorporar o espírito baiano. Inclusive acho que o sucesso da OSBA se dá por isso, porque nos incorporamos. Não podemos viver em uma redoma vienense para

duzentas pessoas, que se dizem intelectuais, virem aqui ao TCA dizer: “Olha, muito bom, gostei bastante”.

13. Qual o perfil do público?

O perfil hoje tem muito pouco da classe A. Tem muito mais da classe B e C - o que eu acho uma coisa maravilhosa.

14. Qual a sua opinião sobre a gratuidade do acesso e a meia entrada nos espetáculos?

Eu acho que a meia-entrada ajuda bastante na democratização do acesso, mas vou ser bem sincero: não acho que a gratuidade para a música clássica vai ajudar. A gratuidade faz com que muita gente fale assim: “Se estão me dando isso aqui, não deve ser bom. Não deve ser uma coisa legal”. Claro, tem que se dar um jeito da pessoa estar aqui. Agora, chegar e falar “vai liberar geral”? A Orquestra Sinfônica de Brasília cobra R\$ 1,00 ou é gratuito, não tenho certeza. Mas eu fico pensando: será que é isso? Porque depois aparece o Stevie Wonder e o ingresso é R\$ 200,00. O cara economiza, pensa: “pô, isso deve ser maravilhoso” e paga R\$ 200... E não é capaz de pagar R\$ 20,00 para nos ver? Que ingresso de futebol que você compra hoje por R\$ 20,00? Nem cinema. Eu acho que até pode baratear, mas não colocar de graça. Sou contra gratuidade.

15. A OSBA realizou, no início deste ano, o Cine Concerto e alguns meses depois a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) realizou uma ação no YouTube sobre música clássica no cinema. O que isso representa de alinhamento entre as Orquestras? Quanto tem de alinhamento entre as Orquestras Sinfônicas no Brasil?

Temos muito pouco alinhamento, infelizmente. Aliás, acho que posso dizer que temos zero de alinhamento. Nunca sentamos para conversar. A OSBA, pela primeira vez, propôs um Seminário de Orquestras, justamente por este fator zero de alinhamento. E nesse encontro de Orquestras se falou muito. E temos tanto ainda para falar... Não deu nem tempo para falar da programação artística. Então... Eu posso te dizer que essa questão das trilhas de cinema tem a ver com aquela teoria Junguiana, da sincronicidade. Existe, de repente, um inconsciente coletivo. A Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) já fez, antes mesmo da OSBA, um concerto de cinema que fez bastante sucesso por lá - mas eles não capitalizaram isso. Eles fizeram o concerto e ficaram por ali. De repente, a OSBA fez. E a OSBA conseguiu capitalizar de uma forma tão gigantesca... Inacreditavelmente! Fizemos vários, de uma maneira que ninguém podia imaginar. Vou lhe dar um exemplo agora de Gestão Criativa. Estávamos aqui em janeiro e fevereiro, reunidos, nas férias. E nas férias, geralmente, as pessoas pensam o seguinte - até então era a postura vigente, inclusive minha: férias, calor, o pessoal só quer saber de música baiana, axé...! Nada contra. Não estou falando para menosprezar, mas é aquela coisa... Carnaval, a Bahia é muito efervescente nesse período. A cidade fica lotada. E pensamos o seguinte: ninguém quer entrar numa sala de concerto, com 40º, e escutar Beethoven. Temos um pouco esse complexo. No Rio é a mesma coisa, tanto que lá para completamente. Só que

a gente tem que, no funcionalismo, fazer dez apresentações públicas, obrigatoriamente, por mês. Se não, não recebemos salário. Então, se as férias são do dia onze de janeiro até o dia onze de fevereiro, tudo bem, você tem dez dias de janeiro e dez dias de fevereiro. Não se pode ficar menos de dez dias sem fazer alguma coisa. A gente tinha que fazer algo - e então pensamos em fazer um concerto de cinema porque um músico aqui tinha dito que, antigamente, eles fizeram um do tipo com o maestro Erick Vasconcelos, fundador da OSBA. E disse assim: "O Erick fazia esse concerto e fazia o maior sucesso. Dava o maior 'ibope', a gente podia fazer". Pensamos: "bom, mas só que um concerto de cinema envolve certas coisas como, por exemplo, um telão". Só que quando a gente foi agilizar, lembramos que não podíamos fazer licitação porque nesse período o estado fecha... Fecha para balanço, sei lá o que acontece. Sei que nesse período nem concerto na igreja a gente pode fazer, porque a gente não tem caminhão baú para levar as coisas para lá. Então, nesse período tem que ser aqui dentro do TCA, e a gente tinha que dar um jeito de fazer acontecer. Mas o que a gente poderia fazer para tornar mais criativo? Um dos músicos residentes falou: "a gente podia vir fantasiado, de *cosplay*". Eu imaginei que a orquestra seria resistente, mas este residente prosseguiu: "vamos propor. Quem quiser vir fantasiado vem. Nem que sejam três, quatro pessoas fantasiadas. Vai ser engraçado". De repente, notamos uma adesão em massa da orquestra. Podem ver as fotos do *Cine Concerto*, 80% da orquestra fantasiada. Eu falava assim: "cara, não é possível que eu estou vendo isso". Então eles me convenceram a pagar esse mico, de entrar de Super Homem e abrir a camisa depois de ter ficado de Clark Kent o concerto inteiro - para no final no último momento ficar lá regendo de Super Homem, de capa. A OSB, hoje em dia, vive um momento muito pródigo. Eles são a Orquestra que mais capta no Brasil, mais do que a OSESP. Eles não têm tanto aporte do Estado, mas captam... Uns quarenta milhões, por aí... Eles estão fazendo um concerto deles de cinema, que eles mostram no telão milhões de imagens. A gente não tinha como licitar esse telão e mesmo que tivesse dinheiro não teria como e nem tempo hábil na época. Percebemos, também, que aquelas pessoas tocando fantasiadas estimulam muito mais a fantasia do que necessariamente você ver... Porque o filme você pega em casa e vê. Você bota no seu DVD. Hoje em dia tem Netflix por R\$ 15. Se as pessoas quisessem ver o filme elas não precisavam de uma Orquestra. Estão ali para ver a Orquestra, o filme você vê em casa. Esse acabou sendo o diferencial do nosso concerto. Tem alguns concertos agora que a gente quer fazer com telão. O *Cine Concerto Kids* talvez seja interessante fazermos com telão, por exemplo. Mas o outro, o *Cine Concerto* tradicional, a gente quer deixar assim porque é muito mais legal você ver o Chapolin regendo, o Homem Aranha tocando contrabaixo, ver a Orquestra. Você está vendo ali o contrabaixo, não está vendo a bicicleta do E.T. A gente quer que as pessoas foquem na música.

16. E quanto de jovens isso trouxe para a Orquestra? Isso aproximou a Orquestra desse público?

Isso aproximou muito a Orquestra dos jovens! Muito, muito! Vocês não têm ideia! O Yuri, do Guia do Soteropobretano, é um dos caras que veio para o *Cine Concerto* e ficou apaixonado. O

Conselho Jedi é outro. Veio e participou do concerto com a gente. Eu posso lhe dizer sem medo de errar que, pelo menos, 40% desse público se tornou *habitué* da Orquestra. No concerto de ontem a gente tocou a *Cavalcada das Valquírias*, do *Apocalypse Now*. O *Melancolia*, do Lars Von Trier, é *Tristão e Isolda*. O negócio é provar que a música clássica é uma coisa completamente próxima das pessoas. As pessoas não têm ideia do quanto é. Quando você tem um filme como o do Lars Von Trier, é genial porque nada no mundo, além daquela trilha sonora, ia dar para ele a sensação que ele queria em *Melancolia*. Instituiu-se que orquestra sinfônica e música clássica é coisa da vovó ou coisa do papai. Isso é um erro, porque a música clássica é muito mais transgressora do que qualquer outra.

17. Sobre o Seminário realizado com as orquestras, o que foi discutido? Quais foram as resoluções?

O Seminário buscou um alinhamento de gestão orquestral, sobre como gerir uma orquestra hoje em dia. Então nós chamamos três instituições geridas pelo funcionalismo público e três instituições geridas pela iniciativa privada. Perguntamos a elas “Quais são suas dificuldades? Quais são seus problemas? No que vocês têm que melhorar? E quais são seus resultados?”. Vimos que a Orquestra Sinfônica do Paraná e a Orquestra Sinfônica de Brasília têm os mesmos problemas que a gente, mas cada um se vira de uma maneira - quase sempre na base do “cambalacho”. E vimos coisas erradas nas orquestras mantidas pela iniciativa privada, como, por exemplo, problemas com exercícios ditatoriais de poder. Maestro que manda embora músico porque não foi com a cara dele. Então, como fazer um equilíbrio? A OSESP talvez seja a nossa Orquestra mais bem estruturada hoje. Ela conseguiu um equilíbrio decente. Hoje não se manda um músico embora com tanta facilidade na OSESP. Conversamos sobre isso. Nesse seminário não foram expostas questões artísticas, pensamos muito na questão educacional. A acessibilidade... Isso foi muito debatido no Seminário. Mas o foco do seminário era a gestão. Como gerir financeiramente? Como conseguir vencer os problemas do funcionalismo? A gente aprendeu muito, porque cada um trazia uma solução diferente.

18. E sobre o uso de verba pública em apresentações de artistas famosos, qual sua opinião?

Eu sou muito crítico com relação a esse uso de dinheiro público pelo Governo, como, por exemplo, aconteceu no Rio de Janeiro, em que foi utilizado para fazer um show do Roberto Carlos na praia. Faça o show com a Orquestra Sinfônica Brasileira, com a Orquestra Petrobrás Sinfônica. Faça o show com a Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Eu tenho certeza que vai estar lotado. Deixa a Skol patrocinar o Roberto Carlos.

***Entrevista realizada por Ana Carolina Castro, Bruna Cook e Raphael Medeiros, dia 12 de julho de 2013, no Teatro Castro Alves, em Salvador.**